



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 6, v. 1 nov 2016.-abr. 2017

p. 166-178.

# O que te alucina?

## Banheiros, pichações e processos de subjetivação em gênero

Camila Ramos Cunha<sup>1</sup>

Antônio Vladimir Félix da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos um relato de experiência de pesquisa-intervenção visando cartografar processos de subjetivação em arte de fazer e desfazer gênero em banheiros de duas instituições de ensino superior do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma cartografia que se desenhou a partir da composição desses espaços arquitetônicos por meio da produção fotográfica de textos verbais e não verbais e por meio da compilação de mensagens inscritas nos cartazes que foram utilizados na intervenção para a produção das informações de universitários e universitárias frente aos questionamentos em torno de gênero. A análise dos processos de semiotização que se configuram no conteúdo discursivo das pichações, dos desenhos artísticos, das rasuras, das críticas nesses locais, aponta para a necessidade da problematização permanente acerca do gênero e da arte de desfazer gênero, reinvenção a partir da produção de um corpo utópico e da criação de espaços heterotópicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Banheiros; Gêneros; Pichação.

**Abstract:** In this article, we present a report of intervention research experience aimed at mapping processes of subjectivity in art making and unmaking gender bathrooms two higher education institutions in Rio Grande do Norte. This is a “cartografia” (cartography) that was drawn from the composition of architectural spaces through the photographic production of verbal texts and non-verbal and through the compilation of messages given in the posters that were used in the intervention for the production of university information and universities face the questions around gender. The analysis of semiotic processes that are configured in the discursive content of the graffiti, the artistic designs, the erasures, critical in these places, points to the need for permanent questioning about the genre and the art of undoing gender, reinvention from the production a utopian body and the creation of heterotopic spaces.

**Keywords:** Bathrooms; Genres; Graffiti.

**Resumén:** En este artículo, presentamos un informe de experiencia en investigación intervención dirigida a los procesos de mapeo de la subjetividad en la creación artística y deshacer baños de género dos instituciones de educación superior en Rio Grande do Norte. Este es un mapa que se extrae de la composición de espacios arquitectónicos a través de la producción fotográfica de los textos verbales y no verbales ya través de la recopilación de mensajes que en los carteles que se utiliza en la intervención para la producción de información de la universidad y las universidades se enfrentan a las preguntas en torno al género. El análisis de los procesos semióticos que se configuran en el contenido discursivo de los graffiti, los diseños artísticos, los borrones, críticos en estos lugares, apunta a la necesidad de indagación permanente sobre el género y el arte de deshacer el género, la reinvencción de la producción un cuerpo utópico y la creación de espacios heterotópico.

**Palabras clave:** Baños; Géneros; Graffiti.

<sup>1</sup> Psicóloga em formação pela Universidade Potiguar (Unp). E-mail: [camilasantiz@gmail.com](mailto:camilasantiz@gmail.com)

<sup>2</sup> Dr. Em Ciências Psicológicas, professor dos cursos de medicina e psicologia da UFPI. E-mail: [wladylfex@hotmail.com](mailto:wladylfex@hotmail.com)

Recebido em 14/03/16  
Aceito em 19/10/16

## 1. Preliminares

Neste artigo, apresentamos um relato de experiência de pesquisa-intervenção, visando cartografar processos de subjetivação em arte e gênero, presentes nos banheiros de duas instituições de ensino superior do Rio Grande do Norte, com o objetivo de analisar tais processos encontrados em diferentes expressões: desenhos artísticos, rasuras, críticas escritas em paredes e portas, pensamentos alheios, frases, citações de autores, e tantas outras expressões, registrados em forma de fotografia, e reunidos aqui no presente trabalho. Trata-se de um estudo embasado na referencial da cartografia (Guatarri & Rolnik, 2010), da teoria *queer* (Salih, 2012) e nas concepções de heterotopias e corpo utópico em Foucault (2013).

O que nos afetou para a realização dessa cartografia foi o interesse em analisar, a partir da fotografia e da experimentação cartográfica, tal forma de expressão de subjetividade num local que reflete, arquitetonicamente, os limites de um espaço privado. Em meio ao fenômeno da comunicação escrita existente nesse local, haja vista os modos de subjetivação que se configuram nas infinitudes de mensagens deixadas pelos usuários uns aos outros, o banheiro denota uma forma de heterotopia, ou seja, o que verdadeiramente não tem lugar, espaços absolutamente outros, espaços diferentes para comunicação que não foram reservados para isso, justapondo uma regra em um lugar real, que normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis para o fenômeno, há vários registros de comunicação nos limites impostos (paredes e portas). Surge uma heterotopia, uma contestação dos espaços onde diariamente vivemos, um “não lugar” que desabrocha como um espaço imaginário, onde “a linguagem se entrecruza com o espaço” (FOUCAULT, 1984, p 36).

## 2. Começar pelo meio arte: aspectos teórico-metodológicos

A língua, segundo Félix Guattari e Suely Rolnik (2010) não é um sistema fechado voltado para o próprio sujeito, mas sim, uma reprodução de valores, crenças, e regras, políticas, sociais, biológicas ou materiais cuja oralidade mantém componentes semióticos ditos não verbais; sendo assim, a linguagem escrita também carrega toda essa bagagem da cultura na qual o sujeito se encontra. Partindo dessa premissa, o escritural que encontramos nos banheiros expressam a coexistência de processos de subjetivação ou semiotização que ora reproduzem opiniões, ora constituem arte relacional. “Blocos de sensações compostos pelas práticas estéticas aquém do oral, do escritural, do gestual, do postural, do plástico... que têm como função desmanchar as



significações coladas às percepções triviais e as opiniões impregnando os sentimentos comuns” (GUATTARI, 2012, p. 104).

As informações que encontramos nos vestígios ambientais da ação humana refletem segundo Sonia Mansano (2009), modos de subjetivação, agenciamentos de processos de produção de subjetividades, diante do que nos é apresentado por Félix Guattari e Suely Rolnik (2010), além do próprio comportamento humano, mesmo que essa avaliação gire em torno de um caráter hipotético (PINHEIRO; GUNTHER, citados por PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008, p.75-104). As linhas do escritural são pistas deixadas nos ambientes, a observação direta destes, nos remete a oportunidade não só de verificar as relações existentes entre pessoa-ambiente, ocupação-local, mas também de compor esses espaços e de experimentar as sensações. Em nossa experiência dentro dos banheiros, foi importante o treinamento do olhar para o encontro de resíduos; assim sendo, nosso olhar vibrátil foi direcionado à deposição (SOMMER & SOMMER; WEBB, CAMPBELL, SCHWARTZ & SECHREST; ZEISEL, citados por PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008, p.75-104), ou seja, aos elementos que foram acrescentados ao ambiente, sendo estes, as pichações.

### 3. A fotografia: dispositivo da arte relacional na cartografia

Nossa pesquisa não exigiu a utilização de instrumentos sofisticados, restringiu-se ao uso do diário de campo e da câmera e à relação estética com o espaço, às fotografias e às anotações e produção de narrativas em diário de campo. Trata-se de uma pesquisa intervenção de caráter qualitativo e de cunho cartográfico (PASSOS; BARROS, 2009, p.17-31), cuja produção dos dados para análise dos processos de subjetivação em gênero se deu por meio dos dispositivos da arte relacional: fotografias e narrativas. Portanto, não temos a pretensão de dar explicações por meio de resultados passíveis de reaplicação de técnicas e estatísticas sofisticadas, nem temos a intenção de apresentar análises elaboradas a partir de interações complexas de pessoa-ambiente (PINHEIRO & GUNTHER, citados por PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008, p.75-104).

A análise das linhas macro e micropolítica do desejo que se configuram entre o escritural e o plástico tem, então, caráter reflexivo, ou seja, a intenção de cada cartógrafo é afetar e deixar-se afetar, pensar e fazer pensar em movimento, provocando a reflexão do próprio leitor/expectador em contato com os vestígios encontrados e com esta escrita. Nosso olhar foi direcionado a encontrar vestígios ambientais de pichações correspondentes ao tema sexualidade e gênero, ainda que tenhamos consciência de que no banheiro, há uma polivocidade semiótica que atravessa o escritural,



expressando modos de subjetivação que não são relacionados somente aos processos de subjetivação em arte e gênero.

#### 4. Somos mais do que corpo

Levando em consideração o que apresentamos anteriormente, e adentrando no tema, o próprio banheiro público é um ambiente envolto por uma semiótica, sendo ele atravessado por valores biológicos, pois inicialmente é dividido pelo aspecto baseado nas diferenças genitais/sexo, os quais, muitas vezes, são utilizados como argumentos para impedir a entrada das pessoas que são nomeadas ou se anunciam como travestis, transexuais ou transgêneros. Diante desta reflexão sobre gêneros, banheiros e pichações, posto o que foi fotografado pelas cartógrafas, analisamos processos de subjetivação em gênero nas formas de comunicação que foram deixadas nos banheiros das instituições de ensino superior. Sob essa ótica, encontramos, no banheiro feminino da universidade pública, mensagens como, por exemplo: “Somos mais do que corpo. Trans-luz para o bem”.



**Figura 1** - Pichação na cabine do Banheiro Feminino



**Figura 2** – Pichação na Cabine do Banheiro Feminino

Observamos na pichação da figura 1, a contestação das categorias que situam o gênero e o sexo num discurso enquadrado e formado, a fim de tornar evidente o caráter que é construído, tal qual a matriz heterossexual de poder. A afirmação “somos mais do que corpo” enuncia modos de subjetivação nos quais não há uma relação necessária, por exemplo, entre o corpo de alguém e o seu gênero, como defende Judith Butler (citada por SALIH, 2012). A autora desconhecida ainda acrescenta o prefixo “trans” que significa além de, ou para além de. Logo, além ou para além do corpo. Expondo uma reflexão que nos faz pensar acerca do devir grupo sujeito (minorias trans) e do



que pode nosso corpo ao devir outro. Já na figura 2, a pichação que foi feita no banheiro feminino provoca reflexão e crítica a esse modelo de identidade de gênero, fazendo levantar questões como o que é “ser mulher” ou “ser homem”. Notamos na figura que há uma junção entre as duas genitálias, tanto uma vagina, quanto um pênis, e uma silhueta que não distinguimos se é feminina ou masculina, desfazendo gênero e fazendo refletir sobre a sexualidade culturalmente construída, e tornando ainda mais evidente o caráter de (des)construção, em oposição ao “natural”.

Encontramos também, mensagens de afirmação de gênero como efeito da relação com o dispositivo da sexualidade, por exemplo, “Minha buceta é um poder”. Inscrição feita a garranchos e caneta, e logo abaixo se encontra uma frase como resposta digitada em um papel com letras minúsculas: “Não tenha dúvidas, você tem um imenso valor para Deus. Ele te ama”, ou seja, após alguém afirmar sua liberdade, na perspectiva do empoderamento das mulheres, há outra pessoa tratando de reproduzir o agenciamento dos processos de subjetivação, reafirmando valores religiosos que para ela, vão de frente a tal afirmação.

Nos banheiros masculinos encontramos em sua maioria mensagens de cunho sexual explícito, tais como, “Chupo Rola, Curte?” (Fig. 4), “Faço Tudo, me ligue XXX-XXX” (Fig. 5), “Quero machos discretos nada afeminados, deixe recado.”, “21 Cm grosso, me ligue”, “Quero dar pra você, ligue XXXX-XXXX”, “Dar o cu é bom” (Fig. 3), e outras pichações de viés político: “Marx Morreu”, “Não vote”, “Tarifa Zero”. “Chega de Utopia Socialista” entre outros. Todos registrados em fotografias. Ressaltamos que tais mensagens registradas e ilustradas, até agora, foram encontradas em uma instituição pública, na qual, realizamos o processo de cartografia em todos os departamentos das áreas de conhecimento acadêmico (Centro de Biociências, Centro de Ciências da Saúde, Centro de Ciências Exatas e da Terra, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Centro de Educação, Centro de Tecnologia).





Figura 3 – Pichação na Porta do Banheiro



Figura 4 – Pichação na Porta do Banheiro

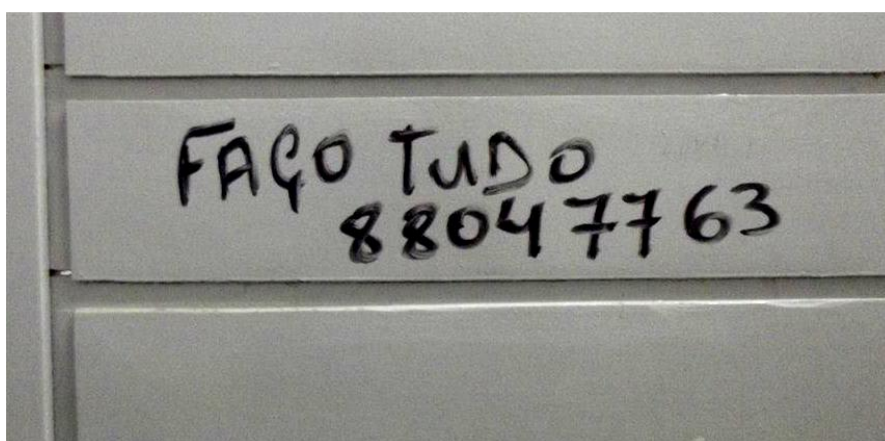


Figura 5 – Pichação na Porta do Banheiro

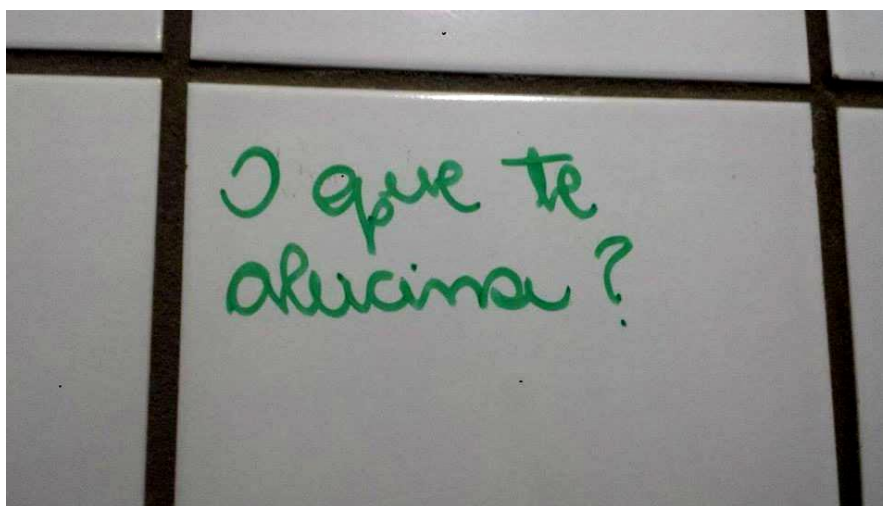


Figura 6 – Pichação na Parede do Banheiro Unissex

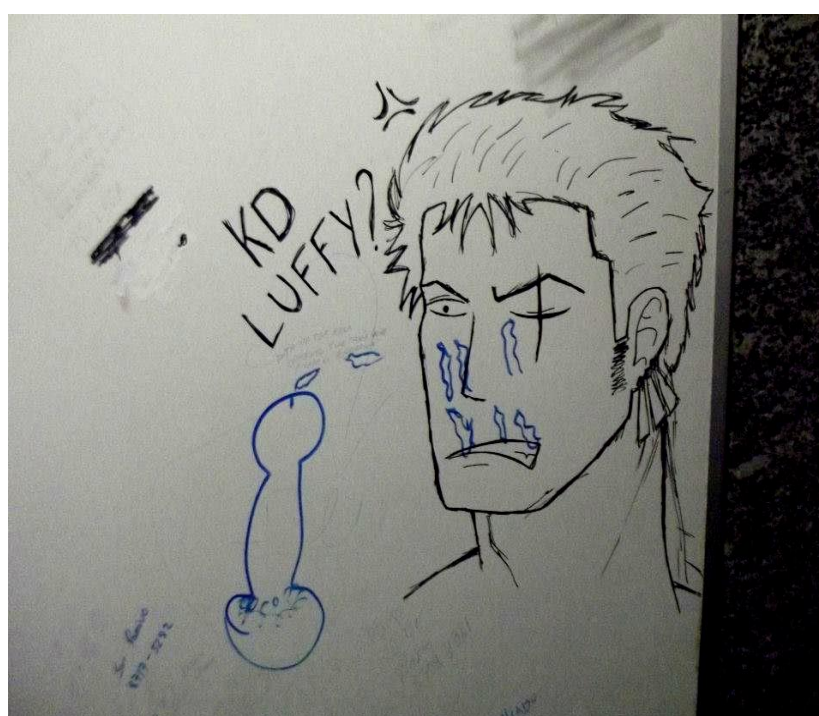


Figura 7 - Pichação na Porta do Banheiro

Mais adiante, continuamos nosso processo de pesquisa, agora, na instituição de ensino superior privado, entretanto, nos surpreendemos com o resultado. Havia no total, dentre 8 banheiros masculinos e femininos, menos de 10 registros (frases) em caneta que ainda restavam em algumas portas e banheiros, com resquícios de tentativas para apagá-las, como também portas e paredes que não apresentavam nenhum tipo de rasura, ainda intacta, sem qualquer vestígio de comunicação. Diante de tão poucos registros, e de uma diferença tão grande entre os banheiros de uma universidade e outra, decidimos realizar nossa pesquisa-intervenção por meio do trabalho com arte relacional.

Suely Rolnik (1998) mostra que a arte relacional surge com a arte contemporânea, sendo então um modelo de arte mais experimental, uma forma de arte coletiva, cuja participação do público torna-se um fator-chave para que ela aconteça. A estética relacional deve reunir o produto do convívio com os objetos à disposição do público, e o seu reflexo no comportamento coletivo. Sem o público não haverá arte, haverá qualquer outra coisa. A estética relacional produz modelos de sociabilidade. Nicolas Bourriaud citado por Filipa Aranda (2010), um dos pensadores da arte relacional sugere que coloquemos as seguintes questões diante da iniciativa: “Esta obra permite que eu entre em diálogo? Posso existir, e como, no espaço que ela define?” Logo, a arte relacional é tomada por nós para pensar a produção da subjetividade e os processos de subjetivação em gênero.

E assim, utilizando a arte relacional, gostaríamos que os usuários e as usuárias dos banheiros de tal instituição superior privada expressassem suas opiniões, ou mesmo o que lhes viessem à mente, criando um espaço imaginário como Foucault aponta, dentro destes locais. Um espaço que, aparentemente, nunca havia existido entre eles naquele lugar, uma intervenção por meio da qual manifestassem suas percepções, seus discursos, seus saberes, articulando o visível e o enunciável, segundo Michel Foucault (1984) “a linguagem, o olhar e o espaço”.

Mas, como se tratava de uma instituição privada, houve uma grande burocracia até ser autorizada a proposta de intervenção dentro dos banheiros. Após um mês de negociações, a limiar foi concedida. Nossos materiais utilizados foram: canetas e cartolinas. Colocamos cerca de 13 cartolinas espalhadas dentro das cabines dos banheiros, tanto femininos, quanto masculinos, colamos na parte de dentro da cabine, e as canetas foram presas a um fio *nylon* à disposição de quem entrasse nelas e quisesse se expressar. Cada cartolina continha uma pergunta, que ao total somavam-se 13 perguntas em cada banheiro, sendo elas: “Para você o que é ser Mulher?”; “Para você o que é ser Homem?”; “Você concorda que travestis e transexuais utilizem o banheiro masculino? Por quê?”; “Você concorda que transexuais utilizem o banheiro feminino? Por quê?”; “Você é a favor da criação de banheiros unissex?” “Defina seu corpo com uma palavra”; “Queremos saber... O que te alucina?”; “Escreva o que se passa na sua cabeça neste momento.”.





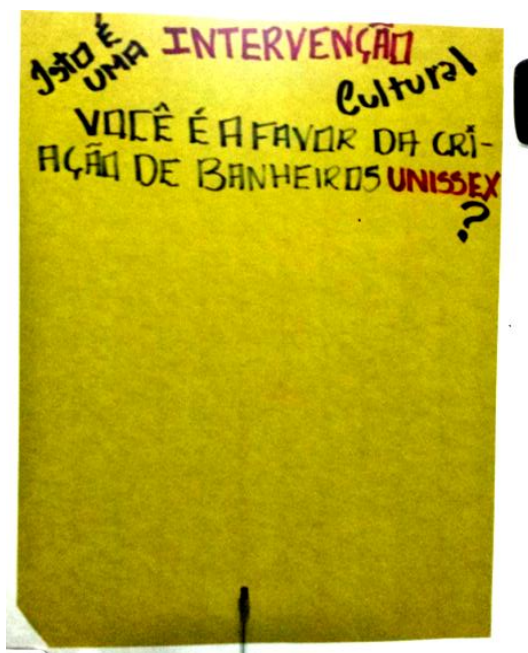


Figura 8 – Cartaz colocado dentro das cabines do banheiro



Figura 9 – Banheiro masculino com os cartazes

Os cartazes ficaram expostos por um período de 24 horas na universidade, e no outro dia foram recolhidos. De forma surpreendente e inesperada, o resultado foi bastante satisfatório, as cartolinas no banheiro feminino foram praticamente rabiscadas em sua totalidade, sem sobrar muitos espaços em branco, a participação foi intensa, e nos banheiros masculinos também houve a



participação, apesar de ter sido em número menor, mas ainda assim puderam ser verificados os processos de subjetivação manifestados por meio da escrita. A comunidade discente frente às perguntas pôde expressar suas opiniões, por exemplo, a tais questões:

**Você é a favor de que travestis/transexuais utilizem o banheiro feminino?** - *pergunta feita no banheiro feminino*. Que obteve as seguintes respostas:

“Não, pois os homens podem literalmente se aproveitar da situação.”

“Não, pois as mulheres de fato perdem a privacidade”

“Não, pois eles não deixaram de ser homens”

“Claro que não, ‘homossexualismo’ é uma opção. Fisicamente são homens”

“Não, independente do sexo que ele escolher, continua sendo homem”

“Não, porquê são homens. Deus não criou gays (homossexuais)”

“Tenho medo de pegar uma doença sexualmente transmissível”

“Concordo com você, a moral vai subir, e também tenho medo de pegar uma doença sexualmente transmissível.”

“Não, por que homem sempre será homem, com os ovos pendurados ou não.”

“Não sou a favor, pois travestis e transexuais são diferentes de mulher.”

“Tem que ter um banheiro próprio para eles”

“Sou a favor da criação de banheiros unissex”

“Será que por uma parte vai ser bom? Os travestis usarem o banheiro feminino? Vai ver quando eles virem à sensualidade das mulheres ‘vão virar héteros’, ‘kkkk’.”

“Sim, pois eles têm que ter seus direitos assistidos.”

“Sim, pois eles não são mulheres de nascença, mas são mulheres de espírito.”



“Devem usar o que acharem melhor, a decisão é individual, usam o que acharem melhor.”

“Sim, são mulheres também.”

“Eu acho normal.”

“Tanto faz, é meu último ano aqui mesmo...”

Já as respostas no *banheiro masculino* foram:

“Concordo. Pois ele é um ser masculino. Não vejo nenhum problema”

“Nem todo travesti é um gay (homossexual), então não vejo problemas.”

“Não concordo porque elas ficam querendo comer os bofes aqui dentro, ‘KKK!!!’ ”

“Gênero x sexo x sexualidade”

“Sim.”

“Aqui não é lugar para vocês, iguais não justificam.”

“Sim, eles têm ‘pica’.”

**Para você, o que é ser homem? - no banheiro feminino, respostas:**

“Ser homem é ter caráter, respeitar o próprio pinto, dar para as galinhas, não pros galos.”

“Ser homem é nunca broxar na frente de uma mulher.”

“É SE SENTIR HOMEM.”

“Ser homem é honrar aquilo que se tem entre as pernas.”

“#Paudurosempre”

“É ter uma rola gostosa.”

“É ter caráter. Coisa que esse cachorro não tem.”



“Ser homem é ser um nada. ‘Pq’ ‘ou’ ser humano nojentto, safado, canalha.”

**Para você, o que é ser mulher?** - *no banheiro masculino*, respostas:

“Um dom de Deus.”

“Ser livre em seu corpo”

“Ter ‘xibiu’ e belos peitos.”

“Seu corpo. Suas regras.”

## 5. Análise cartográfica da inserção fotográfica dos textos verbais e não verbais

Os processos de subjetivação que se configuram nos enunciados discursivos a partir dos questionamentos oferecidos às pessoas se elas eram a favor da utilização do banheiro masculino ou feminino por travestis e mulheres transexuais, expõe além do agenciamento dos modos de subjetivação capitalístico, também o reflexo da ignorância sobre as teorias da travestilidade, transexualidade e intersexualidade que algumas pessoas da chamada comunidade discente, no geral, ainda carrega, levantando argumentos rasos e preconceituosos aos processos transgressores da heteronormatividade. Reflexo este, que ainda é observado em perguntas do tipo, “O que é ser homem?” que em sua maioria era necessário ter um pênis, e apresentar um comportamento esperado ligado ao caráter, como: ser fiel, corajoso, sincero, e, além disso, ter ereções; já “O que é ser mulher?”, trouxe respostas com estereótipos de imagem, configurações sobre estas figuras ligadas somente à genitália, a performatividade de cada um. Poucas foram as respostas no banheiro feminino que estivessem a favor da utilização dele por transexuais e travestis, e até mesmo houve associação da transexualidade a doenças sexualmente transmissíveis.

Há ainda que se traçar um percurso para expandir a discussão de assuntos concernentes a gênero e sexualidade, e a respeito da matriz heterossexual que ainda permanece enraizada nas opiniões alheias e principalmente no meio acadêmico. Percebe-se então, a dicotomia do jogo das visibilidades/invisibilidades, no qual as travestis/transexuais permanecem invisíveis frente às políticas públicas no que diz respeito à seguridade social e cidadania, mas em contraponto, tornam-se extremamente visíveis na argumentação discriminatória e excludente sobre frequentar certos espaços públicos (CARRIJO; citado por BENTO; PELÚCIO, 2012, p.487-488), seja por que são



consideradas “pessoas desviantes” e vistas como os "monstros pálidos" da contemporaneidade dado pelo longo processo de escrutinação de seus corpos, por nojo, ou pelas dúvidas de sua sanidade; culminando, então, na violação de seus direitos (BENTO; BERENICE, 2012, p.487-488). Espera-se que a pesquisa possa contribuir para novas discussões e reflexões acerca dos vestígios ambientais deixados dentro dos banheiros com o recorte em gênero e sexualidade, e também que o mesmo processo ocorra frente à análise das respostas obtidas na pesquisa-intervenção realizada dentro de uma instituição de ensino superior.

---

## Referências

- ARANDA, Filipa. *Estética Relacional, o coração do Mundo*. 01/07/2010. Disponível em <http://filiparanda.wordpress.com/2010/01/27/estetica-relacional/> Acesso em 23 Mai 2014.
- BENTO, Berenice.; PELÚCIO, Larissa. *Vivências Trans: desafios, Dissidências e Conformações*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2012, pp. 487-488.
- FOUCAULT, Michel, *O corpo utópico, as heterotopias*, São Paulo: N-1, 2013.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografia do desejo*. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- MANSANO, Sonia. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2). 2009.
- PASSOS, Eduardo; *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana (Org). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PINHEIRO, José; ELALI, Gleice; FERNANDES, Odara. *Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental*. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (Org) *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.2008, pp. 75-104.
- ROLNIK, Suely (1998). *Por um estado de arte: a atualidade de Lygia Clark*. In: \_\_\_\_\_. *Núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismos*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998, pp. 456-467.
- ROLNIK, Suely. *Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea*. Jornal Valor, São Paulo, ano II, n. 96, 12 abr. 2002.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2006.
- SALIH, S., *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

